

Legado clássico no Renascimento e sua recepção:

contributos para a renovação
do espaço cultural europeu

Nair de Nazaré Castro Soares,
Cláudia Teixeira (Coords.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

ANTÓNIO DE GOUVEIA, LEITOR DE OVÍDIO (António de Gouveia, Ovid's reader)

CARLOS ASCENSO ANDRÉ (caa@fl.uc.pt)

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

RESUMO – António de Gouveia foi filólogo, jurista, homem público. Partiu, ainda jovem, de Portugal para França e não mais regressou. Essa condição o aproxima de Ovídio, o poeta do exílio definitivo e fundador da poética do exílio. Mas Gouveia foi também poeta; e a sua obra poética não ficou imune a essa vida peregrina, longe da pátria. Cantou, além disso, o amor, em especial em cartas dirigidas a Catarina, sua amada. Pretende-se neste trabalho documentar até que ponto António de Gouveia revela ser um leitor de Ovídio e cultor dos seus temas e das suas opções poéticas: o exílio, o amor e a escolha do modelo epistolar.

PALAVRAS-CHAVE – António de Gouveia, Exílio, Humanismo português, Ovídio.

ABSTRACT – António de Gouveia was a philologist, a jurist, a public person. Very young he left Portugal and went to France; he didn't come back anymore. This condition places him very close to Ovid, the poet of definitive exile and father of exile poetry. But Gouveia was poet as well; and his poetry was sensitive to this pilgrim life, far away from his homeland. He sings also love, specially in letters that he addressed to his beloved Catarina. This paper pretends to show at what point António de Gouveia was a reader of Ovid, at what point he adopted his subjects and the same poetic options: exile, love, and the choose of epistolary model.

KEYWORDS – António de Gouveia, Exile, Portuguese Humanism, Ovid.

Jurista de renome e prestígio, respeitado entre os seus pares e com lugar assumido na História do Direito ou, pelo menos, na história dos Portugueses que no mundo do Direito se afirmaram. Garante-lhe um lugar nessa galeria o magistério, a obra publicada, as relações que manteve, as polémicas em que se envolveu, o percurso de vida que levou.

Humanista e filólogo, versado nos autores gregos e latinos, apreciador dos clássicos, estudioso de Cícero, de Virgílio, de Terêncio, de quem nos legou edições de qualidade, leitor atento das letras gregas e latinas, como era próprio de um humanista de sólida formação.

Versado no pensamento antigo e conhecedor da filosofia em que se plasmou, como provam as polémicas em que se envolveu e nas quais não cedeu a reputados nomes seus contemporâneos, antes sustentou com força argumentativa e com a força da convicção as suas posições.

Homem público, já no final da vida, rendido a uma pátria de adoção, que a sua, de nascença, ficara para trás há muito, perdida, quem sabe?, nas encruzilhadas de uma vida peregrina e errante.

E poeta, de estro discutível, mas poeta, não inferior a muitos outros que em latim versejaram no seu tempo e que ostentam com maior fulgor, mas, porventura, não com maior justiça, esse título; autor de epigramas, de cartas, de poemas soltos e díspares, na forma, na qualidade, na dimensão, no engenho.

Tudo isso é António de Gouveia, estudado, por isso mesmo, por historiadores do direito, da cultura, da literatura renascentista, do Humanismo.¹ Homem polifacetado e múltimodo, como é próprio do verdadeiro renascentista e do humanista mais autêntico, não se rende facilmente a rótulos ou a sistematizações fáceis e cómodas; num tempo em que o saber se não encerrava ainda dentro dos limites de compartimentações e espartilhos que só o futuro viria a criar, foi, afinal, um homem do seu tempo.

Na sua variedade, assim sumariamente exposta, António de Gouveia, por isso, é praticamente tudo aquilo que Ovídio não foi, já que o Sulmonense foi, tão simplesmente, poeta, por rejeição assumida e consciente de tudo o mais para que parecia talhado, ou antes, para que parecia terem-no talhado – a vida pública, a carreira das honras.

Pode ser, portanto, ousado e abusivo afirmar como característica do humanista português o ter sido “leitor de Ovídio”. Se foi, dirão os menos atentos, não o parece. Mas foi, sem dúvida, na sua obra poética, acaso menos valorizada, até agora, do que cabe aos seus merecimentos.

Há um contexto, desde logo, que os irmana: a ausência da pátria, o exílio, considerado em sentido lato. Ovídio, na aceção jurídica do termo, já que foi exilado por condenação imperial, sentença que jamais viria a ser revogada e que lhe ditou a morte em terra estranha, longe da pátria e dos seus. António de Gouveia, primeiro por vontade própria, sem dúvida, mas, depois, talvez, por imposição das circunstâncias, se considerarmos que o seu não regresso a Portugal se não deveu apenas a um ato de vontade, mas também aos condicionamentos políticos e culturais que marcam a sociedade portuguesa a partir da terceira década do século XVI.

Em boa verdade, nada o impedia de regressar ao país, depois de um percurso de sucesso em França, para onde partira em 1527. Aí fez a formação, em Paris, onde pontificava seu tio Diogo de Gouveia e onde igualmente estudaram seus irmãos André, Marcial e Diogo. O facto é que algum peso terá tido nas suas opções o não muito feliz percurso em Portugal de seu irmão André, que chegou

¹ V. Serrão 1966: 48-55. Continua a ser a mais rigorosa biografia de António de Gouveia. A ela se juntam as informações transmitidas por L. Matos 1966, no prefácio à edição em *fac-símile* da obra poética. Algumas, não menos importantes, foram coligidas, no século XIX, por E. Caillemer, o qual se serviu de uma notícia do ms. Collection Dupuy 348, da Biblioteca Nacional de Paris, fl.46, e da *Dissertatio de uita et scriptis Antonii Goueani*, que Van Vaesen incluí na sua edição setecentista de *Antonii Goueani opera iuridica, philologica, philosophica, dedicatio* (III-XXXVII).

a acompanhar em Bordéus, mas que não acompanhou no regresso à pátria, onde veio dirigir o Colégio das Artes, depois de ter sido Reitor no Colégio da Guiana. Fosse por isso, fosse por saber que sobre si recaíam suspeitas de simpatia pelos ideais luteranos, terá achado mais prudente permanecer em França. É assim foi transitando de Paris para Bordéus, primeiro, depois para Toulouse, em 1538,² a seguir para Avinhão, em 1539, logo depois para Lião, no mesmo ano, e onde permaneceu até 1541.

É contemporânea desta vida errante a sua experiência mais significativa na arte de versejar. De facto, os seus *Epigrammaton libri duo* foram publicados em Lião, em 1539,³ o que significa que foram sendo escritos e “arrumados” ao longo do seu peregrinar por cidades e universidades francesas. E, não muito depois, em 1540, saíram, ainda em Lião, os seus *Antonii Goueani epigrammata; eiusdem epistolae quatuor*. Ora é precisamente nestes dois livros que se concentra o essencial da obra poética de António de Gouveia; e é também neles que podemos encontrar a presença de Ovídio.

Olhemos um pouco o poeta latino, criador daquilo que pode designar-se como uma “poética do exílio”. Exilado em Tomos, a partir de 8 d. C., por edito imperial que não viria a ser revogado, não obstante os apelos do poeta, e por motivos que a História nunca conseguiu nem, porventura, conseguirá apurar, Ovídio, até então poeta do amor, do prazer físico, da sedução, dos sentidos, produto da sociedade mundana de Roma e, quase, seu símbolo, expoente poético dessa “feira do sexo” em que Roma se havia tornado, na feliz expressão de Jean-Noël Robert,⁴ Ovídio reconverteu, como hoje se diz, o seu engenho e, por isso, a sua escrita; de poeta do amor e do prazer, passou a poeta do exílio e da tristeza.

A relação que mantém com a sua obra poética é, cada vez mais, uma relação afetiva intensa; os livros são os seus filhos, digamos, o produto da sua criação, a sua imagem que envia aonde não pode chegar, ou seja, à sua cidade. Trata-os na segunda pessoa e dá-lhes indicações sobre os procedimentos a adotar à chegada, sobre a conduta que devem ter, sobre as relações a manter com o que em Roma deixara – pessoas, lugares (*Tr.* 1. 1. 57 e 1. 1. 15-16):

Tu tamen, i pro me, tu, cui licet, aspice Romam.

«Tu, porém, vai em meu lugar! Tu, a quem isso é lícito, olha Roma!»

² Gaullieur: 136 refere que António de Gouveia era, igualmente, suspeito de judaísmo, o que não terá qualquer fundamento; Serrão 1966: 55-59 contesta-o, com sólidos argumentos, e adere à definição da sua árvore genealógica, definida por Matos 1966: 559. A mais provável explicação para a saída do colégio de Guyenne talvez esteja, mesmo, nas simpatias pelas ideias de Lutero; a isso se terá juntado a influência de Diogo de Teive, acabado de chegar de Toulouse, cujos estudos jurídicos enalteceu perante o seu compatriota (Serrão 1952: 154; e 1966: 73-77).

³ Matos 1966: 560.

⁴ Robert 1997: 152-153.

*Vade, liber, uerbisque meis loca grata saluta!
Contingam certe quo licet illa pede.*

«Vai, meu livro, e com palavras minhas saúda os lugares que me são gratos
assim os hei de percorrer, ao menos, com os passos que me são permitidos.»

Por outro lado, Ovídio, na terra de exílio, sente-se debilitado, física e psicologicamente, progressivamente fraco e doente e, por isso, incapaz de escrever. Forçado, diz, a viver em condições adversas e penosas, em terra bárbara, onde reina a insegurança, de clima insuportável, de duríssimos e longos invernos, estéril, árida e inóspita, viu esmorecer o seu engenho; mergulhado numa tristeza sem fim e sem remédio, a sua poesia, ela própria, está debilitada, perdeu o viço de outrora, tornou-se monótona e sem brilho: «o meu engenho, a desgraça o destruiu» – *ingenium fregere meum mala* (Tr. 3. 14. 33) ou «[o engenho] é uma planura ressequida que vou lavrando com arado infecundo» – *siccum sterili uomere litus aro* (Pont. 4. 2. 16).

António de Gouveia reúne, num pequeno epigrama, ambos os tópicos, para não dizer três, da poética ovidiana do exílio: a) o livro é ele próprio, a viajar até onde a ele lhe não é possível, ou seja, até à pátria; b) o livro surge desfigurado, esqualido, sem porte nem dignidade; c) o que, considerando que o livro é a imagem do poeta, representa o estado de debilidade em que se encontra, física, psicológica, mas também enquanto poeta.

O livro segue viagem *squalidus* e *impexus*, isto é, “sujo” e “despenteado” (porque lhe falta arte e lima, de que o poeta estará, sem dúvida, carenciado) e *exiguus*, ou seja, “minúsculo” ou “encolhido”, o mesmo é dizer diminuído (no estro poético); é por isso que pede ao historiador e bispo que atue como seu mestre: que o castigue com uma sova – *caesus* – e o devolva, depois, ao seu criador.

Ou seja, estamos perante o processo ovidiano, segundo o qual o livro constitui uma espécie de prolongamento da personalidade do seu autor; por outro lado, o autor é, ao mesmo tempo, o *pater*, sujeito da criação literária, mas também o eu lírico, o que vale por dizer que é objeto dessa mesma criação e, como tal, passível de confusão com ela:

HIERONYMO SORIO

*Si Lusitanas, Sori, penetrarit ad urbes
squalidus, impexus exiguusque liber,
est meus. Arripito patrique remittito caesum.
Quas meruit poenas non dedit ille mihi.*

«A JERÓNIMO OSÓRIO

Se às cidades de Portugal, ó Osório, este livro chegar,

esquálido, desgrenhado e encolhido,
 é meu. Apodera-te dele e devolve-o bem açoitado a seu pai.
 O castigo que mereceu, não o aplicou ele a mim.»

A verdade é que, em sua viagem, talvez ao livrinho o espere um destino semelhante ao do seu autor – um destino peregrino, por terras estranhas, a viver um exílio semelhante ao de quem o escreveu. Assim se lê num epigrama ao bispo Pierre du Chastel (p. 23). A relação com o livro é a mesma que Ovídio mantinha com os seus versos, que enviava para Roma; o poeta português, de facto, é também *parens*. Mas o destino de canto errante é bem diverso, já que a obra assim enviada passa a ostentar, como que por contágio, os sintomas de exilado, próprios de quem a escrevera; de facto, o livro, cuja voz é o “eu” que fala no poema, declara-se *exsul ego* (3), *uagus* (2), *errans ignoto orbe* (4). Vive, assim, em total solidão e abandono, como vivia em Tomos o Sulmonense, e em clara insegurança e fragilidade: *sine patre, tuo modo numine tutus* (3). Porque, em boa verdade, o espaço onde vagueia este produto da sua criação poética, como aquele onde o poeta o escreveu, é terra estranha e inóspita, tanto como o eram para Ovídio os confins do Império, na longínqua Dácia, entre os bárbaros. Até a viagem, por pouco verosímil que isso seja, foi uma fuga por mar, corrente tópico da poesia de exílio.

Mas há de sobreviver – *superstes ero* (4) – e essa é uma diferença mais em relação ao poeta latino. Assim, o *orbis Gallus* (2) onde o poeta se encontra é tão estranho e desconhecido como era outrora para Ovídio a região inóspita de Tomos; a própria viagem que ali conduziu foi uma fuga (1) – uma fuga que, respeitando o *tópos* clássico, se faz por terra e por mar (1), ainda que, insista-se, isso pareça pouco verosímil. A solidão é nota dominante e conduz à acentuada sensação de insegurança – *sine patre, tuo modo numine tutus* (3) –, sem que, todavia, a esperança seja eliminada. De facto, o breve epigrama encerra com a certeza da sobrevivência:

PETRO CASTELLANO EPISCOPO LIBELLVS
*Dum fugio durum terraque marique parentem,
 orbe uagum Gallo septima luna uidet.
 Exsul ego, sine patre, tuo modo numine tutus,
 ignoto quamuis orbe, superstes ero.*

«O LIVRINHO AO BISPO PIERRE DU CHASTEL
 Enquanto fujo, por terra e por mar, à severidade de um pai,
 errante em terra gálica me vê a sétima lua.
 Exilado, sem pai, é graças apenas à protecção do teu poder,
 que, embora em terra desconhecida, eu hei de sobreviver.»

Estranho será, neste sentido, um pequeno epigrama que tem por destinatário o próprio livro. Colhe da poética ovidiana a referência a “terras inóspitas” e a

mãos estranhas e desconhecidas, o que faz lembrar a terminologia recorrente no poeta latino; mas, com essa partida e esse destino, encontra o livro a liberdade, o que é manifestamente pouco ovidiano. O poema, portanto, é dirigido ao próprio livro (p. 18). Como parece detestar quem o escreveu e a sua presença, o seu autor manda-o partir em busca de *manus ignotas et inhospita tecta* (3). Contraditoriamente, no entanto, o que busca no afastamento é a liberdade – *lucis amor liberioris* (2) –, não obstante fosse mais segura – *tutior* (4) – a vida em casa; esta casa, porém, é a pátria de exílio do poeta, o que faz do pequeno poema um centro de contradições.

LIBELLO

*Parue liber, patriasque manus patremque perose,
te si lucis amor liberioris habet,
i, sequere ignotasque manus, et inhospita tecta,
qui multo poteris tutior esse domi.
Quo tamen effugias alienae uerbera dextrae,
“peccauit”, dices, “lector amice, pater”.*

AO SEU LIVRINHO

«Pequeno livrinho, que detestas as mãos pátrias e o teu pai,
se o amor de uma luz mais livre te possui,
vai! Busca mãos desconhecidas e mansões inóspitas,
tu, que bem mais seguro puderas estar em tua casa.
Para escapares, no entanto, aos açoites de mão alheia,
podes dizer: «quem errou, leitor amigo, foi o meu pai.»

O que importa ressaltar nestes três pequenos exemplos, a par de uma estranha relação, aparentemente pouco amistosa, entre o livro e o seu criador, é a recorrência de elementos característicos da poesia ovidiana do exílio; e, em especial, a relação dialógica entre o poeta e sua obra, de matriz claramente ovidiana e que viria a ser acolhida por muitos poetas que viveram idêntica experiência.

Logo na chegada a Lião, de resto, começavam a ser visíveis os reflexos da leitura de Ovídio. Nem surpreende que assim fosse; por essa altura, mais de uma dezena de anos volvidos após a sua partida de Portugal e, provavelmente, pouco a pouco assumida a decisão de não mais voltar, olhava para a sua vida como um percurso errante, um vaguear sem retorno.

Dissimulanda mihi fuerat mea patria – “devia eu dissimular a minha pátria” (1) – pode parecer um estranho desabafo, vindo de quem sente a nostalgia da origem; mas é, em certa medida, o desejo de ocultação de identidade que é próprio da poesia de exílio; ou será o espelho da relação conflituosa que os poetas exilados sempre mantêm com a pátria e que é visível, por mais de uma vez, em Ovídio, embora de modo subtil, já que oscilava entre o azedume e indignação de quem se acha injustamente condenado e a prudência subserviente, por vezes,

de quem alimenta uma ténue esperança de obter o perdão e, com ele, a possibilidade de regresso.

Já manifestamente ovidiana será a associação da ausência à morte e a trevas, e a convicção de que, sobre uma e outras, hão de erguer-se, triunfantes, por força da poesia, vida e luz:

AD IACOBVM BELNAEVM

*Dissimulanda mihi fuerat mea patria: uerum
carminibus patriam uiuere nolo meis.
Adde quod illius tanta est lux, gloria tanta,
lumine ut in tenebris luceat ipsa suo.*

«A JACQUES DE BEAUNE

Era meu dever dissimular a minha pátria: de facto,
não quero que a pátria viva em meus versos.
Acrece que tão grande é a sua luz, tão grande a sua glória
que ela própria resplandece nas trevas com seu brilho.»

Detenhamo-nos, porém, nas *Epistulae quatuor*. Nelas é bem visível, por duas razões essenciais, a presença de Ovídio. É o próprio poeta, aliás, quem o afirma, sem ambiguidades, na terceira carta, onde alude ao poeta latino e à sua condição de exilado, que lhe determinava a fragilidade poética. Ao fazê-lo, António de Gouveia mais não faz do que repetir o que de si mesmo dissera o exilado de Tomos, nos versos onde refere a debilidade do seu engenho, já acima citados. As palavras do humanista português deixam suspeitar que talvez tivesse estes passos presentes na memória e que, com o exemplo ovidiano, pretendia legitimar a sua própria debilidade poética, pela proximidade com aquele com quem se sentia irmanado pela mesma condição (*Epist.* 3. 87-88):

*Naso, Tomitanis exsul dum uiueret oris,
per quam nullus erat, artis egebat ope.*

«Nasão, enquanto vivia exilado em terras de Tomos,
sentia a falta do poder da arte e, por esta razão, estava reduzido a nada.»

Assim o entendeu também Eustachius Knobelsdorffius que, em epigrama endereçado ao humanista, sustentava: *Naso nostri temporis esse potes*⁵ - “podes bem ser o Nasão do nosso tempo”.

De que cartas, afinal, estamos a falar?

⁵ Epigrama incluído por Van VAASEN nos *elogia selecta* que antecedem a edição das obras de Gouveia (p.XLI).

Publicadas e, porventura, escritas durante a permanência em Lião, são endereçadas a *Catarina Bofremontana*, presumidamente uma sua amada. Paixão de juventude? Romance ocasional? Ligação que o futuro não permitiu consolidar? Ou a sua futura esposa? São perguntas a que os estudiosos da obra de Gouveia não conseguiram, ainda, responder. Segundo Zeeb, Catarina pertencia à família Beauffremont, sem relação com Catarina Dufaur, com quem viria a casar em 1549.⁶ Veríssimo Serrão teve idêntica opinião, ao princípio; mais tarde, porém, mudaria de ideias, para sugerir que podiam ambas ser a mesma pessoa: Gouveia ter-se-ia prendido de amores por Catarina Dufaur, filha do presidente do senado de Toulouse, Pierre Dufaur, em 1538; o amor renasceria mais tarde e terminaria em casamento, em 1549.⁷ Em boa verdade, nenhuma das interpretações pode ser dada como segura.

São cartas de grande arrebatamento amoroso, por vezes quase doentio, que fazem convergir três elementos ovidianos: o exílio, já que as cartas foram escritas nessa condição e assumem-na sem ambiguidades; o amor, ainda que lhes falte a nota de sensualidade e prazer físico que marca a poética de amor ovidiana; e a feição epistolográfica, visto que Ovídio é, porventura, o primeiro grande poeta a cultivar a epistolografia amorosa, seja na poesia de exílio, seja, sobretudo, nas *Heroides*.

Começemos pelo exílio.

A primeira carta abunda em informações autobiográficas, onde avultam referências à sucessiva mudança de lugar, ao desenraizamento; ali se menciona o desígnio inicial que presidiu à partida da pátria – juntar-se aos três irmãos –, a permanência em Paris, depois em Bordéus, a passagem por Avinhão, a partida iminente para outro destino e outro rumo (*altera terra quaerenda per orbem* – “outra terra no mundo tenho de buscar” – 91 – ou *ibo longius hinc* – “partirei para mais longe daqui” – 75-76). Merece ser sublinhada a presença recorrente de expressões de matriz ovidiana: *quantum terrae, quantum maris aequor arauí* – “por terra e por mar quantas planuras percorri” (39); *iactatum terraque marique* – “baldeado por terra e por mar” (77). Esta presença do mar, de resto, é estranha e pouco verosímil, no caso de António de Gouveia, e fica a dever-se à influência da poética do exílio, já desde Ovídio, o qual a herdara de Homero, embora, num caso e no outro, correspondesse à realidade.

Porque os fados assim o ordenaram, foi longe das respetivas pátrias que poeta e sua amada se encontraram, como sucedeu a outro par de amantes da Antiguidade, Dido e Eneias: *uenimus huc fatis auctoribus ambo* – “aqui chegámos uma e o outro por ação dos fados” (15).

Angustiado, pergunta-se que sorte e que destinos lhe reservam, ainda, os mesmos fados: *quid iam sperassem fatis accedere nostris?* (73), para logo continuar,

⁶ Zeeb 1932: 33-35.

⁷ Serrão 1952: 171-173; 1966: 187-193.

com insistência anafórica no advérbio que marca a partida incessante: *quo, Superi, quo me tandem, quo mittitis?* (74).

Como Ovídio, tem a percepção de que não regressará; mas, ao contrário de Ovídio, que almejava, sem esperança, uma mudança de lugar, tem a consciência de que o seu peregrinar não acaba ali, pois uma nova partida se imporá e um novo destino terá de ser buscado: *altera tellus quaerenda* (87), frase que repete, como que num eco, logo depois: *altera terra quaerenda* (91).

Apesar de não ser determinante na carta a ideia de degredo, não pode deixar de sublinhar-se a presença de diversos *tópoi* da poética ovidiana do exílio:

a) As lágrimas. Em Ovídio, tornam-se incessantes (*Tr.* 5. 1. 35-36. Aqui, não obstante o esforço de contenção, as referências acumulam-se; evoca as suas *lacrimas* (9), *singultu* (10), e pede para tal atitude a condescendência da amada – *da ueniam lacrimis* – “perdoa as minhas lágrimas” (13) –; elas, todavia, lembra, acompanham-no já desde que deixou a sua pátria, entristecido – *maestus* (16).

b) A tentativa de obter, da parte da sua destinatária, solidariedade na dor que o afecta: *lacrimasque dares, miserata dolorem* (83).

c) A dificuldade e, mesmo, impossibilidade de concretizar o canto, o qual, em razão da sua situação frágil e débil, se torna rude e tosco, sem arte, como sucedera já com o poeta latino: *uerborum caecasque rudesque figuras* (11).

d) A feição autobiográfica da carta e as múltiplas referências aos tempos de outrora, vividos na cidade natal, aos laços familiares, à vida escolar, quando iniciara os primeiros estudos.

e) Num manifesto exagero, a incapacidade manifesta de aceitar a situação de degredo em que vive, tanto mais que rejeita qualquer sentimento de culpa, tal como sucedera com Ovídio, que dizia que *facinus nemo nescit abesse mihi* – «um crime – não há ninguém que desconheça que disso não sou culpado» (*Pont.* 1. 7. 40). Gouveia proclama (79-80):

*Hem quid ego admisi? Quae non ego numina demens,
quos ego non colui demeruique deos?*

«Oh, que erro cometi eu? A que potestades, em minha loucura,
a que deuses não prestei eu culto, e quais eu pude conciliar?»

f) Finalmente, a morte, obsessão de todos os poetas exilados; primeiro, aceite, com resignação, se assim pode dizer-se, mesmo que venha a acontecer em terra estranha; depois, mesmo, desejada. Ovídio identificava o exílio com a morte: *quid enim status hic a funere differt?* – «esta vida, em que se distingue ela da morte?» (*Pont.* 2. 3. 3). Gouveia, no final do poema, de feição inequivocamente ovidiana, parece lembrar o poeta latino, que compusera o epitáfio para a sua própria pedra tumular, a marcar a perda de esperança do regresso; somente “uma laje estrangeira” – *peregrinus lapis* (98) – lhe virá a arrecadar os

ossos. É o mesmo sabor final a nostalgia e desencanto que caracteriza a poesia do desterrado de Tomos.

Não menos evidentes são os reflexos ovidianos na Carta IV, da coleção das que são endereçadas a Catarina. Não é muito dado Ovídio a chorar os grilhões de amor em que se deixou aprisionar; tal comportamento é mais próprio de Catulo ou de Propércio, por exemplo. Mas alguns dos versos mais significativos em torno do amor-prisão pertencem ao Sulmonense, posto que, em geral, seja poeta do amor lúdico, como atrás se disse, e do amor físico. Lembremos, porém, a elegia 11 dos *Amores*, e ali encontramos uma das melhores expressões das contradições do discurso amoroso, semeado de antíteses, onde se evocam os grilhões e o desejo de deles se libertar (*Amores*, 3. 11b. 1-13):

*Luctantur pectusque leue in contraria tendunt
hac amor, hac odium, sed, puto, uincit amor.
Odero, si potero; si non, inuitus amabo.*

«Lutam entre si e o meu coração amolecido cada um para seu lado o puxam daqui o amor, dali o ódio, mas, estou certo, é o amor que vence.
Hei de odiar, se for capaz; se não, contra minha vontade hei de amar.»

António de Gouveia lamenta o dia em que se deixou enredar na armadilha de Cupido; o tema, entretanto, surge associado, numa clara simbiose dos dois motivos diletos do poeta latino, ao exílio, já que, além de ter caído nas teias do amor, isso aconteceu-lhe, para sua desgraça, longe da pátria: *me procul a patria telo transfixerat infans* – «a mim, longe da pátria, com suas setas me trespassara o menino» (11).

A dor do desterro domina-o. Longe lhe fica a terra mãe, que se esgueira cada vez mais na distância, para a ela não regressar. A forma verbal *fugit*, inequivocamente nostálgica, revela a convicção de que essa *terra* é irrecuperável (15-16):

*En longe patria est, longe uos estis, amici,
en fugit ad lacrimas hospita terra meas.*

Eis que longe está a pátria, longe estais vós, amigos,
eis que se escapa a terra que acolhe as minhas lágrimas.

Melhor fora, clama, em jeito marcadamente ovidiano, nunca ter partido, não ter sulcado o mar, não ter encetado essa viagem de destino incerto e de pouco provável retorno (17-18):

*O uinam uastum numquam maris aequor arassem,
nec portum intrassem, Gallica terra, tuum.*

«Oh, oxalá nunca tivesse sulcado a vasta planura do mar,
e em teu porto, ó terra gálica, não tivesse entrado.»

À medida que caminha para o final, a perspetiva modifica-se. De si mesmo como objeto de dor, transita para os seus, que na pátria lhe ficaram. Assim aconteceu, a espaços, com Ovídio, que lamenta, embora apenas ocasionalmente, a sorte da mulher, que em Roma permaneceu, sem ele e com o anátema de ter por marido um proscrito. Gouveia lembra-se da mãe, sozinha, na casa vazia – *sola domo uidua* (75) – e entristecida até às lágrimas – *maeret* (75). Vive ela na saudade (*desiderium*) dos filhos, todos eles ausentes (71-75):

*Sin te non miseret nostri, miserere parentis;
ultima sors partus illius ipse fui.
Tres illi nati, quos Gallia detinet omnes,
nec desiderium quo minuat habet.
Sola domo maeret uidua natosque patremque.*

«Mas se não tens pena de mim, tem pena, ao menos, de minha mãe;
o último quinhão de sua maternidade fui eu.
Três filhos teve, os quais agora retém – a todos – a Gália,
e nada tem ela com que possa abrandar a saudade.
Sozinha na casa vazia, chora os filhos e o pai.»

Enfim, se, na Carta II, lhe vinha à lembrança a pedra tumular, aqui a marca ovidiana é mais evidente, já que termina o poema com o seu próprio epitáfio. Desde Ovídio que este acabou por tornar-se um *tópos* da poesia de exílio, quer ele seja ou não mencionado. O que sobressai aqui é, tão-somente, a presença da morte, a vida a esvair-se, o corpo confiado a um honroso túmulo, de mármore, encimado por uma lápide onde corre um pequeno poema, a perpetuar a memória de quem ali jaz. Sem referência ao exílio, todavia, o epitáfio é claramente ovidiano. Lembremos o que o Sulmonense lavrara para o seu túmulo em Tomos (*Tr.* 3. 3. 73-76):

*Hic ego qui iaceo tenerorum lusor amorum
ingenio perii Naso poeta meo.
At tibi qui transis ne sit graue, quisquis amasti,
dicere: Nasonis molliter ossa cubent.*

«Eu, que jazo aqui, cultor de brandos amores,
foi graças ao meu engenho que sucumbi. Eu, Nasão, poeta.
Mas tu que passas, se um dia ao amor te entregaste,
não te seja penoso dizer: repousem em paz os ossos de Nasão.»

E atentemos, agora, neste, onde o poeta português pouco mais tem a dizer de si mesmo do que dar notícia do seu amor (101-104):

*Ossa tegentur humo, cum spiritus ossa relinquet,
inque sepulcrali marmore carmen erit:
“Scire meae causam mortis quicumque laboras
criminis et summa quae sit: amator eram.”*

«Que os ossos sejam cobertos de terra, quando o sopro da vida os ossos abandonar,
e no mármore do túmulo um verso fique gravado:
“A ti, quem quer que sejas, que buscas saber a causa de minha morte
e qual foi a essência dos meus erros: eu era um servo do amor.”»

Recuemos, para terminar, à carta III, também ela de duplo sabor ovidiano. Trata-se de um clamor de revolta de Catarina, magoada e indignada porque o poeta a abandonou; em razão disso, despeitada, apela recorrentemente à vingança divina.

Já atrás se disse que Catarina e Gouveia são ambos desenraizados. Isso o definia, desde logo, a primeira carta: *uenimus huc [...] ambo / et patrium liquit uterque solum* – “Aqui chegámos ambos [...] / e foi com tristeza que um e outro deixámos o solo pátrio “ (15-16). Convém ter presente esta condição de desenraizamento para integrar nesse contexto a presença obsessiva da morte em boa parte das imprecações dirigidas contra aquele que assim a abandona.

Pior do que qualquer outra, é uma morte em terra de ninguém, o que significa uma morte sem túmulo, em meio de peregrinar incerto: ali ficará, nas entranhas da própria terra – *tibi tellus dehiscat* (15) –, no turbilhão das ondas – *gurgitibus rapiat te surdior unda* (17) –, na voragem de monstros marinhos – *pascas genus omne natantum* (19). E, suprema desventura, morte em absoluta solidão, já que a onda surda é a representação disso mesmo, do supremo abandono – *nec gemitus audiat illa tuos*.

Ou seja, estamos perante o cume da desgraça, traçado em meio da violenta imprecação – a morte no mar, os ossos vomitados pelas águas e espalhados, aqui e ali, ao longo do areal: *haec hic, haec illic, fulua spargantur arena* (21); tão pouco lhe caberá, sequer, a honra de um túmulo – *nec sit qui tumuli curet honore tegi* (22).

É, portanto, um quadro de tristeza e desventura ímpares, a que se associam todos os males do exílio. Mais triste do que a morte acaba por ser a própria vida, como tantas vezes Ovídio proclamou. Gouveia repete-o, sem ambiguidades: *tristior at morte uita sit* (24). Pois bem, se assim é, que aquele que a abandona sofra igual castigo e seja forçado a passar os seus dias na solidão de terra estranha: *hospes in ignota uiuas inglorius urbe* (25).

*Ima tibi o utinam tellus, scelerate, dehiscat
Iuppiter aut mihi fulminis igne cremet
aut te gurgitibus rapiat te surdior unda,
perfide, nec gemitus audiat illa tuos;
corporeque incesto pascas genus omne natantum*

*ossaque post longo tempore ructet aqua!
Haec hic, haec illic fulua spargantur harena,
nec sit qui tumuli curet honore tegi.
Quid precor infelix? Malim te uiuere, malim,
tristior at morte uita sit illa tamen.
Hospes in ignota uiuas inglorius urbe;
sit Fortuna tamen inuidiosa tua.*

«Oxalá as profundezas da terra, ó maldito, te devorem,
ou Júpiter, com o lume de seu raio, me abrase;
ou uma vaga mais surda te arrebate em meio de um turbilhão,
ó traidor, sem dar sequer ouvidos a teus queixumes;
e com teu corpo impuro sirvas de alimento a toda a espécie de peixes,
e teus ossos só ao fim de largo tempo os vomitem as águas!
Uns aqui, outros ali, eles se espalhem ao longo do areal doirado
e não haja quem cure de abrigá-los sob a honra de um túmulo.
Mas que súplicas são as minhas, pobre de mim? Antes quero, antes quero que vivas;
mas mais triste do que a morte seja, porém, uma tal vida.
Que vivas estrangeiro e sem glória em cidade desconhecida;
e que a tua Fortuna seja, entretanto, abominável.»

As quatro epístolas, em si mesmas, refletem um outro modelo ovidiano: o da escolha da carta, do veículo epistolar, para exprimir sentimentos. Dos elegíacos latinos, todos eles poetas de amor, ou seja, Propércio, Tibulo, Galo e Ovídio, apenas este último cultivou o género. A primeira coletânea de poemas do exílio é constituída por cartas, endereçadas, primeiro da viagem, depois de Tomos, à família ou aos amigos que em Roma ficaram. E, já antes, uma das suas obras de amor, depois da *Arte de amar*, depois dos *Amores*, são as *Heroides*, cartas de amor, quase todas com um eu poético feminino, isto é, em que a voz que fala no poema é uma figura feminina, por via de regra vítima do amor, quase sempre por abandono ou por perda. E são dirigidas aos seus antigos amados.

É inegável que António de Gouveia teve este modelo em mente quando compôs as *Epistulae quatuor*. A semelhança é por demais evidente. Por escassez de espaço, ficará para outro momento a comparação, *pari passu*, das cartas gouveianas com as *Heroides* ovidianas. Muitas são as semelhanças e merecem especial atenção, até porque esta coletânea não é, de entre as obras do poeta latino, uma das que mais seguidores teve.

De momento, registre-se, apenas, a escolha do modelo e, ainda, uma outra afinidade, bem visível na carta de Catarina ao poeta, a carta III: para legitimar o seu apelo à vingança divina e para mais, ainda, demonstrar a culpa do poeta, o eu que fala dentro da carta evoca exemplos de outrora – Demofonte, Teseu, Jasão, Eneias; mais do que guindar-se ao estatuto das amantes mais famosas da antiguidade, Fílis, Ariadne, Medeia ou Hipsípile, Dido, estão a ser citadas,

uma por uma, algumas das vozes femininas que falam nas *Heroides* de Ovídio, respetivamente as *Heroides* 2, 10, 12, 6, 7.

Além disso, se já era significativa a opção pela carta de amor, uma matriz inequivocamente ovidiana, mais significativo é, ainda, e, digamos, um fenómeno deveras raro entre os humanistas, o facto de a voz que fala dentro do poema ser uma voz de mulher. A carta é posta na pena de Catarina, tal como, no caso das *Heroides*, a voz que falava em cada missiva era a voz de uma mítica figura feminina; algumas delas, por sinal, as que são mencionadas pela amada de Gouveia a quem, supostamente, é atribuída a carta.

Passados estes anos no sul, o jurista assumiu o lugar do poeta, talvez para sempre, como se o arrebatamento poético fosse, tão-só, um fulgor de juventude. Em 1541 está, de novo, em Paris, onde ficou famoso devido à polémica que manteve com Pierre de la Ramée⁸; volta, depois, a Bordéus e, mais tarde, já em 1549, a Toulouse, onde vem a desposar Catarina Dufaur.

As marcas ovidianas vão desaparecendo, quer porque o interesse pela poesia adormeceu, quer porque a saudade da pátria quase se extinguiu. A presença de Portugal na sua obra (jurídica, que é a que produziu a partir daí) é praticamente nula. Abraçou, por assim dizer, uma nova pátria e um projeto de vida nela; tornou-se, em certa medida, “francês”. Adaptou-se, sem dúvida, ao país que lhe reconheceu os méritos que dificilmente lhe seriam reconhecidos naquele onde nascera; o prestígio que alcançou em França não alcançaria em Portugal; pelo menos, a julgar pela sorte de seu irmão André, o que o esperaria se tornasse à pátria seria sorte bem distinta.

Nos últimos anos, viveu na Sabóia, assim fruindo um pequeno simulacro de Portugal, dadas as ligações entre a Casa de Sabóia e a coroa portuguesa.⁹

O que significa que, à medida que os anos passaram, foi-se afastando de Ovídio, que jamais se resignou ao seu espaço e à sua condição de degredo. Ao invés do poeta que, anos antes, o havia influenciado, enraizou-se em país estrangeiro. Os seus filhos, aliás, nem se reveriam na condição de portugueses, devotados à vida pública na terra onde nasceram.¹⁰

Isso, porém, não apaga os seus “anos ovidianos” – os da formação poética, os da consciência de desenraizamento, os da experiência do amor.

⁸ Carvalho 1978: 1-116.

⁹ O Duque de Sabóia, Emanuel Felisberto, era neto de D. Manuel I; e na sua corte conservavam-se portugueses que tinham feito parte do séquito da Infanta D. Beatriz, sua mãe, quando esta casou com Carlos III (*ibidem*, 113-115).

¹⁰ Serrão 1967: 129-130; aí se relembra que os descendentes de Gouveia eram apenas *Taurinenses*. Sobre esses descendentes, vd. o estudo de F. MUGNIER.

BIBLIOGRAFIA

OBRAS DE ANTÓNIO DE GOUVEIA:

Collection Dupuy, ms. Dupuy 810: poemas de António de Gouveia.

ANTONII / GOVVEANI / LVSITA- / NI / EPIGRAMMATON / LIBRI
DVO, / AD MORTALITATEM / [...] / LVGDVNI APVD SEB.
/ GRYPHIVM. / 1539. [Ed. em fac-símile: *Boletim internacional de
bibliografia luso-brasileira* 7 (1966) 585-622.]

ANTONII / GOVEANI / EPIGRAM- / MATA. / EIVSDEM / *Epistolae
Quatuor.* / [...] APVD SEB. GRYPHIVM / LVGDVNI, / 1540. [Ed.
em fac-símile: *Boletim internacional de bibliografia luso-brasileira* 7 (1966)
623-672.]

Opera iuridica, philologica, philosophica. Ed. Iacobus Van Vaasen. Roterodami,
apud Henricum Beman, MDCCLXVI.

ESTUDOS:

André, C. A. (1991), “Uma planura ressequida: Ovídio e a poética do exílio”,
Biblos 67: 77-101 (neste artigo é citada abundante bibliografia sobre a
poesia ovidiana do exílio; para aí se remete, para não ser fastidioso).

André, C. A. (1992), *Mal de ausência: o canto do exílio na lírica do Humanismo
português.* Coimbra.

J. Carvalho, J. (1978), “António de Gouveia e o aristotelismo da Renascença”, in
Obra completa, vol.I. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian 1-116.

Gaullieur, E. (1874), *Histoire du collège de Guyenne.* Paris.

Matos, L. (1966), “Sobre António de Gouveia e a sua obra”, *Boletim Internacional
de Bibliografia Luso-brasileira* 7.4: 557-724.

Mugnier, F. (1901), “Antoine Govéan, professeur de Droit. Sa famille, son
biographe Etienne Latini”, *Mémoires et documents publiés par la Société
Savoisienne d'Histoire et d'Archéologie* 40-2e. série, 15: 3-80.

Serrão, J. V. (1952), “O humanista António de Gouveia em Tolosa”, *Revista
Portuguesa de Filosofia* 8.2: 144-177.

Serrão, J. V. (1966; 1967), “António de Gouveia e o seu tempo”, *Boletim da
Faculdade de Direito* 42: 25-224; 43: 1-131.

Zeeb, M. K. (1932), *The Latin letters of Antonio de Gouvea.* An edition with
introduction, text, commentary, and translation. Philadelphia.